

José Lima - Oral History

Data: 1 Outubro, 2012

Lugar: 209 County Street, New Bedford, Mass.

Entrevistador: M. Gloria de Sá

Entrevistado: José Lima

GLORIA: Senhor Lima, para começar podia-me dizer o seu nome completo?

JOSÉ: José Assunção Afonso Lima.

GLORIA: E a sua direcção actual?

JOSÉ: 209 County Street, New Bedford.

GLORIA: E o senhor nasceu onde?

JOSÉ: Cova-Gala, Figueira da Foz.

GLORIA: E a sua data de nascimento?

JOSÉ: Dezembro 4 de 1947.

GLORIA: Há quanto tempo é que vive aqui nesta casa?

JOSÉ: Nesta casa à relativamente pouco tempo, nesta casa estou aqui desde o dia um de Julho.

GLORIA: Ah sim?

JOSÉ: Nesta.

GLORIA: E a casa é vossa ou e alugada?

JOSÉ: Não, é de um familiar. O familiar esta num *nursing home*¹ e eu estou a tomar conta da casa e pago a minha renda simbólica, mas estou aqui sozinho.

GLORIA: Não me diga que é o Senhor António Borges?!

JOSÉ: É esse mesmo.

GLORIA: Ah, que interessante!

¹ Lar de idosos.

JOSÉ: É o tio da minha esposa.

GLORIA: Ah, não sabia, que interessante. Já está aposentado, não é verdade?

JOSÉ: Sim, há um ano e pouco... Ainda não tenho a idade dos 66 ou 7.

GLORIA: Antes de se aposentar, era... O que é que fazia, qual era a sua profissão?

JOSÉ: Pescava. Depois disso trabalhei... Aliás, eu posso começar a história resumindo: Quando eu cheguei aqui eu fui para a pesca, depois tive um acidente na vista, deixei a pesca, temporariamente, fui sócio numa companhia que ajudei a fundar chamada Luso Fishing Gear, trabalhei lá durante quatro, cinco anos, ou mais coisa menos coisa. Entretanto tinha comprado um barco. Depois fui para o mar no meu barco. Depois deixei o barco. Depois vendi o barco. Depois trabalhava ali no Bay Fuel e agora estou desempregado.

GLORIA: Eu depois vou-lhe fazer perguntas sobre isso mais aprofundadas, mas de momento, qual foi o nível de instrução que completou?

JOSÉ: O quinto ano incompleto da Escola Industrial e Comercial da Figueira da Foz.

GLORIA: E é cidadão americano?

JOSÉ: Sou, sou.

GLORIA: E qual é a língua que falam em casa?

JOSÉ: Português, como sempre. Não pode ser outra. Nós sabemos muito pouco Inglês.

GLORIA: Portanto, com os seus filhos e a sua mulher...

JOSÉ: Falam sempre português; eles são bilingues. As netas é mais um sacrificio mas também falam.

GLORIA: De momento, o seu agregado familiar é composto pelo senhor, a sua esposa e mais alguém?

JOSÉ: Não. Tenho as netas de vez em quando.

GLORIA: Agora gostava que me falasse da sua família. Portanto o senhor é casado. Fala-me da sua esposa. Como é que ela se chama?

JOSÉ: A minha esposa é a Rosa Maria Cordeiro Lima; em Portugal ela era costureira. Quando imigrámos para os Estados Unidos ela foi trabalhar para uma fábrica ligada aos têxteis.

GLORIA: Qual foi a fábrica?

JOSÉ: Ai...agora o nome...

GLORIA: Foi ali no sul?

JOSÉ: Foi uma daquelas ali no sul, sabe ali em frente ao Aliança, mais ou menos em frente àquele restaurante. Tem umas escadas que vão para cima. E depois, entretanto, o meu filho mais novo tinha casado. Quando nasceu a filha dele mais velha a minha mulher tinha a oportunidade de ficar desabilitada—tinha um problema. Já tinha sido operada a um pulso, por causa das máquinas, não é? E então resolvemos que ela, para ajudar o filho, que os *babysitters* são caros, não é? Então ela ficou em casa e tomamos conta das netas. Entretanto continuei a trabalhar. Ela já esta desabilitada já há treze... Espera um bocadinho... Ora, há doze anos, sensivelmente.

GLORIA: Portanto, e ela tem que idade?

JOSÉ: Ela faz agora no dia nove de Outubro, 40 e... Ora 40?! 63.

GLORIA: E ela em Portugal também estudou?

JOSÉ: Não. Portanto, somos todos de família piscatória, lá em Portugal, e a minha mulher tinha mais dois irmãos, um já falecido, e uma irmã que também está aqui nos Estados Unidos. E ela como mais velha... (Não era a mais velha, o mais velho seria o irmão dela.) Mas ela com dez anos deixou de ir à escola para poder sustentar, para poder tomar conta dos irmãos—da irmãzita e do irmão mais velho. Era ela que com dez anos que já fazia a vida de casa—fazia o almoço, fazia o jantar. Quando a mãe vinha do trabalho, de vender a sardinha, ela já tinha o jantar pronto. Portanto desde os dez anos que ela... Depois quando me casei... Quando pude, não foi muito tempo, quando pude devido à minha profissão, comprei um carrito e ela queria tirar a carta de condução mas não podia e então fez a quarta classe de adultos. Portanto é a escolaridade que ela tem.

GLORIA: Nem sequer a deixaram fazer a quarta classe...

JOSÉ: Não teve... Não pôde, porque os pais..., das duas uma..., Quem é que tomava conta das crianças? Naquele tempo não havia... Naquele tempo muita malta na minha terra, e talvez na sua também, deixavam a escola obrigatória e não faziam a quarta classe. Muitos fizeram, outros não fizeram. Acontecia muito isso.

GLORIA: Claro, claro. Mas acontecia mais, talvez, na geração dos nossos pais. Na nossa geração já era menos.

JOSÉ: Sim, sim, sim. Na nossa não.

GLORIA: Disse-me que tem filhos, não é? Quantos?

JOSÉ: Tenho dois. Um com 44 anos, chamado João P. Lima—João Paulo Lima, mas ele é cidadão americano, optou por John P. Lima. Trabalha no Bristol County,² no *sheriff*. E o outro, ora nasceu em 74, tem 38 anos. Vai fazer 38 anos agora no dia 9 e trabalha na construção. Tirou o curso do *voke*.³ Tirou um curso quase de engenheiro gráfico de

² Bristol County House of Corrections, prisão da comarca de Bristol em Dartmouth, Massachusetts.

³ Abreviação de vocational high school—ensino profissional.

computadores—de desenho de máquinas, depois não acabou por causa do casamento. E ele prometeu-me “Pai, eu vou tirar, eu vou tirar!” E eu disse, “Não vais tirar mais, não tiraste agora; esquece-te”.

GLORIA: Onde é que ele estudou?

JOSÉ: Instituto Tecnológico de Massachusetts em Providence, penso eu.

GLORIA: Rhode Island Institute of Technology?

JOSÉ: Sim. Ele até é muito esperto, muito esperto. Os dois. Orgulho-me disso. Mas aquele tem queda para desenhos, para computadores, para... E agora está na construção devido... Estava a trabalhar muito bem no Brodeur Machine Shop, ali no sul, ali ao norte, mas depois tiveram *lay-offs*, desemprego, e isto foi-se agravando, agravando, e ele enveredou pela a construção. Também gosta muito da construção. Agora está muito bem na construção também. Já está assente.

GLORIA: Tem...? Faz parte do sindicato?

JOSÉ: Não, não, não.

GLORIA: E o outro que trabalha no instituto prisional não é o que disse...

JOSÉ: Pois trabalha na prisão em Dartmouth.

GLORIA: Também estudou?

JOSÉ: Tirou o *voke*. Ele é torneiro mecânico. Tirou a profissão de torneiro mecânico no voke.

GLORIA: E é esse o trabalho que ele faz lá?

JOSÉ: Não, está de guarda prisional. Presentemente ele é tenente da guarda prisional.

GLORIA: Mas não estudou para ser guarda prisional?

JOSÉ: Não, não, não.

GLORIA: Porque muitos dos guardas prisionais fazem o curso ali na nossa universidade, aliás no nosso departamento.

JOSÉ: Pois, ele não. Ele foi para lá. Precisava de trabalhar. Foi aceite e pronto. Já lá está à 20 e qualquer coisa.

GLORIA: E casaram? As mulheres deles são portuguesas?

JOSÉ: Portuguesas; são portuguesas. Está tudo legitimado. E por coincidência a do mais velho é filha de um grandessíssimo amigo meu, meu vizinho em Portugal... Mas só... Os miúdos conheceram-se aqui na América, porque o meu filho tinha sete anos quando, *I*

mean,⁴ doze anos, quando veio para aqui... E ela... Não, ela não nasceu cá, não nasceu em Portugal. Penso que ela nasceu em África--Moçambique. Os pais tinham emigrado também para lá e tal. Mas penso que ela nasceu em África. Já não quero... Poderei dar-lhe uma informação mais correcta.

GLORIA: Não tem importância.

JOSÉ: Mas entretanto conheceram-se aqui, pronto, e casaram. O outro, o mais novo, a mulher dele nasceu cá, mas é filha também de pais portugueses.

GLORIA: Também da área da Figueira da Foz?

JOSÉ: A mãe; o pai é de Viana de Castelo. Está tudo bem radicado.

GLORIA: Não me diga que casou com a filha da Sãozinha...

JOSÉ: Puga? *Exactly!*⁵

GLORIA: Ah! que interessante!

JOSÉ: Esse é o Jorge que casou com a Marta, que é o pai das minhas duas netinhas mais novas.

GLORIA: E a Marta é enfermeira, não é?

JOSÉ: Não, não, a Marta é professora na escola... Dá aulas naquela escola lá ao norte... Como é que se chama? Aquela escola nova que fizeram...?

GLORIA: Sim, sim. Pulaski School?

JOSÉ: Qualquer coisa assim. A gente depois naquela rua que vai ter ao Building 19; vai ter à Hathaway Road. É ali naquela estrada que depois também corta para o *Voke*.⁶ Lá ao Norte, nas luzes mesmo, quase a chegar às luzes. É professora lá. A outra é que não, não sei se é enfermeira; ela trabalha no hospital.

GLORIA: Estava confundida.

JOSÉ: Essa é a irmã mais nova, Susana. Então a senhora conhece a São?

GLORIA: Conheço muito bem.

JOSÉ: É boa rapariga. Olhe, foi ontem embora... Quarta... Hoje é segunda... Penso que foi sábado embora.

GLORIA: Pensava que ela estava em Portugal já há muito tempo.

⁴ Quero dizer.

⁵ Exactamente!

⁶ Vocational High School.

JOSÉ: Estava. Esteve aqui três semanas.

GLORIA: E depois voltou para lá?

JOSÉ: Foi agora sábado. Ela veio aqui porque a filha mais nova, a Susana, foi operada aos peitos ou coisa assim do género. Como tem um bebé, ela veio cá aquelas três semanas para colaborar com a filha, para ajudar a filha, o que é normal. Porque ela já está lá radicada de vez, já há uns anos.

GLORIA: Ah, sim? Eu pensava que eles tinham ido mas depois tinham regressado.

JOSÉ: Sim, foi assim, a senhora não esta fora da realidade. Eles foram, depois regressaram, compraram uma casa aqui, que é a casa onde vive até a Susana, e depois resolveram ir outra vez. Não me admiro que qualquer dia, mais coisa menos coisa, que voltem.

GLORIA: E disse então que tem duas netas que são...

JOSÉ: Quatro. Tenho duas do mais velho e duas o mais novo.

GLORIA: Ah! Sim, sim, sim, muito bem. Então, agora gostava de falar das suas origens em Portugal. O senhor nasceu na Cova-Gala. Pode-me falar desse lugar, da sua família, da sua infância, de quando o senhor era pequeno, como é que a vida era...

JOSÉ: Posso, definitivamente. Olhe, primeiro de tudo quero dizer que, como qualquer pessoa, a terra onde nasci é a melhor do mundo, não é? É a mais bonita. Eu fico emocionado. A minha infância foi uma infância feliz. Os meus pais com determinado sacrificio, pescadores que eram na altura, mas foi uma infância feliz, graça a deus. A mim não faltou nada, a eles talvez, e eu sei que sim.

GLORIA: O seu pai era pescador?

JOSÉ: O meu pai foi pescador. Andou no bacalhau muitos anos, depois na vida do arrasto em Portugal. Eu tinha... O meu pai foi náufrago do João Costa. Não sei se já ouviu falar aqui daquela história do náufrago do João Costa? Pode ir ao computador procurar que é uma história jeitosa. Um barco que naufragou, vinha do bacalhau, da Terra Nova, para Portugal. Ali ao lado dos Açores. Um incêndio. E eles andaram sete dias—seis dias e sete noites—perdidos no mar. Inclusivamente chegaram a comer um cão. O meu pai diz que não. Ele não comeu; o meu pai não comeu.

GLORIA: Ah, sim, eu já ouvi essa história daquele senhor António...

JOSÉ: Borges, talvez?

GLORIA: Não, do Cortina, o que chamam...

JOSÉ: Ah! Ele foi náufrago com o meu pai no João Costa; foi náufrago também. Entretanto o meu pai, a partir dessa data não mais foi ao bacalhau. Eu tinha uns oito ou

nove anos... Aquilo foi em 56 e eu nasci em 47. E então havia um familiar do meu pai que estava em Matosinhos—Leça da Palmeira... Naquela altura era para onde emigravam muitos... Migravam muitos habitantes da Figueira— da Cova, Gala, Buarcos, Quiaios—para a pesca do arrasto. Nós chamávamos aquilo (Eles chamavam, na comunidade por aí assim) a América—a América dos Portugueses em Portugal. O meu pai foi lá para o arrasto e eu fui também mais a minha mãe, não é? De maneira que estive lá uma quantidade enorme de anos...

GLORIA: Tinha oito anos mais ou menos?

JOSÉ: Nove. Nove anos. Tive alguns interregnos onde vínhamos à Figueira. O meu pai tinha um irmão, tinha e tem que graças a deus ele ainda é vivo, o Baló, o Domingos Lima, chamado Baló. Esteve aqui na América muitos anos e tinha de vez em quando uns contratos para a África do Sul, para Israel... Para Israel... (Israelita), para a África do Sul e outro lugar qualquer, que já não me recordo. E um dois anos iam para aquele contrato e nós regressávamos à Figueira. Quando acabava aquele contrato...

GLORIA: E o que é que eles iam fazer?

JOSÉ: Pesca; em pesca também. O meu tio era encarregado e arranjava isso para o irmão para ganhar mais alguma coisita. E depois regressávamos a Leça da Palmeira. De maneira que eu estive, com interregnos, mas estive na Leça da Palmeira, Matosinhos, Porto, desde os meus nove anos até a idade que me casei, praticamente. Praticamente, não, é certo; estive..., vim dois meses antes de me casar de lá.

GLORIA: De Leça da Palmeira?

JOSÉ: De Leça da Palmeira. Portanto, eu vinha periodicamente... Eu era um indivíduo que, embora novo, sempre fui um indivíduo...; desenvolvi-me muito fácil. Quer dizer, a minha altura foi... Eu com 14 anos já entrava em filmes, se fosse preciso... Não tinha barba, mas já tinha um corpo—um corpo grande. E sempre fui um homem, um rapaz, afoito, aventureiro. E então muitas das vezes a minha mãe nem sabia que eu já estava na Figueira; só dava por falta de mim em Leça. Na altura do verão não havia escola...

GLORIA: Como é que vinha?

JOSÉ: Vinha à boleia!

GLORIA: À boleia, ah!

JOSÉ: Os eléctricos iam de Leça da Palmeira para o Porto; eu ia pendurado nos eléctricos; não havia dinheiro. Eu ia pendurado nos eléctricos até chegar à Foz. Quando chegava-se à Foz havia a ponte da Arrábida. Que eu assisti à inauguração daquela ponte—ao fecho daquela ponte; assisti dum local, com uns senhores que estavam lá a também a ver, com binóculos, que eles emprestavam à gente—à canalhada. Chamavam-se o Porto Santo, que era pertinho da minha casa. Era um monte alto e via-se a Arrábida lá ao norte, lá ao Porto. Então assisti a isso também. Depois então vinham cargas... apanhava um carro, dois carros ou três. O que era preciso era chegar à Figueira. Quando

chegava à Figueira eu sabia que estava... tinha o meu ponto de socorro; estava óptimo. Porque eu tinha a minha família—as minhas tias, as irmãs da minha mãe. Tinha principalmente uma chamada Adelaide, que não tinha filhos, da qual eu fui herdeiro mais tarde, e tinha uma outra tia que tinha um estabelecimento, que era a que estava melhor na vida. E eu sabia que estava sempre socorrido. Não precisava comprar de comer; não precisava procurar dormida—não precisava de nada. Então numa dessas incursões minhas até à Figueira da Foz, eu estava, (Um belo dia de verão; estou a ver a imagem) estávamos ali na rua, na beira do rio. Havia um barco de passagem entre Figueira e a Gala e havia muitas miúdas que iam para a Figueira para aquela... (Sabe aquela máquina de costura Olívia—Oliva e Singer?) Iam aprender a bordar, aprender a costurar, entre elas a minha mulher. Eu estava ao sol, sentado, assim, encostado a um muro, mais um primo... (Por acaso eu não sabia que era primo da minha mulher, só depois é que eu comecei a conhecer, não é.) E estavam uns quatro ou cinco e eu vou assim pare esse rapaz “Eh Ernesto, eh pá, quem é aquela menina, quem é aquela miúda?” “Eh, pá, é a minha prima Rosa Conim. Não te lembras, não sabes quem é?” “Conim? É a irmã do João Conim?”, que era o irmão dela. Ele disse “É.” Aquilo passou e aquela rapariga nunca mais fugiu da minha cabeça, não é.

GLORIA: Conim é...

JOSÉ: Uma alcunha.

GLORIA: Ah, porque eu pensei que talvez fosse um nome estrangeiro.

JOSÉ: Não, não. Cordeiro. Ele é Cordeiro, mas a alcunha é Conim. E então procurei logo ir para... A minha casa era na rua principal da Cova-Gala e a casa deles era mesmo junto à praia, a 100 metros da praia, ou 150 metros. E ela tinha... A minha sogra tinha uma tenda de praia que alugava aos banhistas que iam lá para casa dela. E eu sabia qual era a tenda, comecei a perseguir a mulher, a brincar, a lá-lá-lá... Olhe, consegui. A minha falecida sogra, que deus a tenha, nunca alinhou comigo; foi sempre um namoro à revelia, às escondidas. Daí que passado... Inclusive pedi-a em namoro ao meu falecido sogro, mas depois a coisa teve que ser às escondidas outra vez porque a minha sogra não foi na história. O meu sogro sim, adorava-me e... A verdade seja dita, que a minha sogra talvez tivesse um bocadinho de razão porque eu já vou, já vou... Entretanto a minha sogra, a minha mulher engravida, com brincadeiras de cachopos, e eu fui para o Porto outra vez. Sabia lá se a minha mulher estava grávida ou não estava grávida!? Eu não fazia ideia nenhuma. Estava... A minha esposa foi a uma excursão lá em Leça e encontramos-nos às escondidas dos outros, com a cumplicidade de um grande amigo meu chamado António Augusto Afonso, que tem o dono do Star Oil, aquela companhia de óleo de aquecimento. Encontrámo-nos lá e tal, mas ela não me dava respostas.

GLORIA: É o irmão da Sãozinha?

JOSÉ: Exacto. E ela vomitava e tal, mas eu nunca pensei tal coisa. Nem ela mesmo, nem ela mesmo. Passado três ou quatro semanas dessa excursão, lá venho eu outra vez, às escondidas, de boleia, até a Figueira. Estou em casa de uma tia minha, dessa tal Irene que tinha o estabelecimento, e veio uma tia da minha mulher “Oh, e tal, fizeste isto assim

e assim...” “Eu!? Você está tola! O que é que se passa?” Eu tinha... Nesse dia... Ela apareceu-me lá em casa deviam ser umas nove da manhã e eu às três da tarde tinha comboio para ir para casa, para ir para o Norte. Eu disse a essa tia da minha mulher, que já morreu, Deus lhe fale na alma, disse “Olhe, tia... Maria do Céu... Olhe, tia Maria do Céu, eu..., isso não é nada comigo. Pergunte à sua cunhada quem é o namorado da sua sobrinha; não sou eu de certeza absoluta. Eu tenho comboio às três da tarde para ir para o Norte, de maneira que, esqueça-se.” “Oh, e a minha cunhada.” “Quem é que... Querem que eu vá lá à casa da sua cunhada?” (Que era a mãe da minha mulher.) “Está bem, eu vou.” Peguei na bicicleta... Ah, disse “Vá-se embora que eu já vou.” Peguei na bicicleta... “Eh, Tia, Tia Irene! Eh, Tia Irene, telefone...” A minha tia tinha um táxi também, era sócia de um táxi, e eu disse, “Olhe, telefone ao Marinho e diz a ele que se me pode vender o bilhete do comboio. (Que eu já tinha o bilhete que a minha tia me tinha comprado.) E então esse rapaz, esse senhor, veio ali e comprou... Levou o bilhete da minha tia que eu deixei... Que eu já estava, eu estava a fazer o teatro, mas eu ia lá ficar porque eu sabia que a coisa tinha sido comigo, não é. Que eu tinha confiança plena, ainda hoje, na minha mulher. E eu... Ele levou o bilhete. Lá conseguiu depois vender o bilhete e deu o dinheiro à minha tia. Porque a minha tia é que o tinha comprado. E eu fui lá a casa. Quando entrei a minha sogra estava lá no... na cozinha. (Foi na cave.) Estava lá de volta do fogãozinho para fazer o comer... (Portanto... as horas foram passando.) e eu disse, “Bom dia!” e ela virou para mim aquela cara... (Uma vez ela partiu um braço quase à minha mulher por minha causa) e eu entrei. “Onde é que está a sua filha?” “Está ali.” Diz a minha mulher para mim “Ai o que tu fizeste!” “O que eu fiz?! Não. Nós dois fizemos!” Foi mesmo assim. Ela se estivesse aqui ela, ela testemunhava. Entretanto a minha sogra veio e diz “Ah, tu agora tens que casar.” “Ah, eu não fujo à minha responsabilidade.” Tinha 20 anos.

GLORIA: E ainda estava a estudar?

JOSÉ: Não, eu tinha 19 anos. Eu já vou lá chegar. Eu tinha 19 anos na altura, fiz 20 anos no dia 4 de Dezembro e casei-me no dia 23 de Dezembro. O meu falecido sogro estava na Holanda. (Um homem excepcional, um homem de um respeito extremo. Ele chorou. Ele foi a única pessoa que obrigou a filha a chorar—foi aquela alma.) E eu disse a ele “Eu não fujo à minha responsabilidade. Não há problema nenhum. Só eu não tenho dinheiro. Portanto eu não posso casar sem dinheiro. Vamos ao registo civil, vamos à igreja, mete-se a anilha no dedo.” Eu, mesmo assim. Eu falei logo: “Não tem problema nenhum. E fico a viver com a sua filha—na casa do meu pai, que há lá um quarto; eu tenho lá espaço.”

GLORIA: Em Leça?

JOSÉ: Não, ali já na, já na... Eles estavam em Leça, mas os meus pais tinham uma casa em...

GLORIA: Tinham uma casa na...

JOSÉ: Que hoje é da minha irmã. A minha irmã remodelou aquilo, comprou a casa e ficou com ela. E pronto, e aquilo foi assim. Marcou-se a data do casamento. Fez-se uma

pequena boda para 40 ou 50 pessoas... A velha é que pagou. A minha sogra é que pagou, que ela queria, coitada, também era para a filha não ficar, não é...?

GLORIA: Mal vista?

JOSÉ: Exactamente. Para não ficar com um filho nos braços, solteira. É o que a mulher queria. Eu compreendia isso perfeitamente. E compreendo, até, em parte, determinado azedume que ela podia ter comigo, não que eu fosse mal educado, mas por outros motivos. Entretanto o meu sogro vem da Holanda para passar férias (Aconteceu até ficar adoentado e nunca mais regressou à Holanda e acabou por morrer depois, passados uns anos.)

GLORIA: E ele estava lá a pescar também?

JOSÉ: Estava, estava. A minha sogra era peixeira, vendia sardinhas por Coimbra, naqueles lados de Coimbra. Entretanto marcou-se a data do casamento. Casámos, e a coisa foi assim. Felizmente correu sempre bem. Sempre bem: nunca discuti com os meus sogros, nunca tive o mais pequeno problema que eu possa dizer assim “Não, tive um problema, zanguei-me, fugi... Nada. Nada, nada, nada.” Quando eu fui para o bacalhau a primeira vez, (Foi logo no ano a seguir. Portanto, casei-me em 1967 e a minha primeira viagem foi em 1968.) a minha mulher para não ficar sozinha em casa dos meus pais foi para casa da mãe. Entretanto, quando eu venho do bacalhau nós ficámos lá... Ficámos lá sempre a viver até eu vir para os Estados Unidos. Ficámos sempre. Ela deu-me a parte de cima da casa para viver e fazia a minha vida, separado deles. Muitas das vezes eu ia agarrar o meu sogro (Que eu adorava conversar com aquele homem); ele tinha que vir almoçar comigo. Outras das vezes era ele que me obrigava a ir lá para baixo, a levar o almoço. Ou se ele não o tivesse feito já não o fazia; comia daquele ou eu comia do dele. E pronto, vivi ali feliz até 1980 e sou feliz hoje. Até 1980, data em que vim para os Estados Unidos. Mas voltando atrás, eu falo muito, sabe, o que vale é que isto esta a apanhar.

GLORIA: É bom.

JOSÉ: Não, eu gosto de falar e é por isso que eu sou solicitado para estas coisas todas. Eu fui um dos principais fundadores daquele clube, também. Fundei um outro que é Clube Desportivo Cova-Gala. Fui eu que o fundei que está lá ainda hoje e ainda hoje tem carinho por mim. Sou presidente honorário e fui também o primeiro presidente. por acaso não tenho aqui o cachecol disto. Isto é o que eu gosto, da minha terra. Isto é o meu clube da Figueira da Foz, que eu adoro, e o meu clube de jogar. E sou benfiquista. De qualquer maneira sou benfiquista. Mas a minha sogra tinha porquê? Eu andava a estudar. Nunca fiz nada. Nunca trabalhei; andava a estudar. Entretanto, quando veio para os Estados Unidos aqui o meu tio Tónio Borges, com o filho... O filho andava a estudar comigo. Embora mais novo andava a estudar comigo. Houve outro primo meu, que é o Carlos Camarão, que está aqui, que tem o Virginia Sands, também foi para a escola de Caxias para... Fugiu da escola industrial. Tem o curso igual ao meu, que não acabámos. E mais dois amigos—O António Filipe André... (Não sei se conhece também, que é o genro do Sr. Carlos Vinagre?)

GLORIA: Talvez o conheça mas...

JOSÉ: Quer dizer, eu fiquei, daquela malta e mais quatro ou cinco lá, que desistiram todos ao mesmo tempo... Uns foram para Caxias, para a escola de Caxias, tirar cursos de electricista, de motoristas ou de cozinheiros ou de marinheiros e eu fiquei ali, sozinho. Deu-me uma mona, um dia tinha um professor muito meu amigo por causa do futebol chamado Carlos Quialheiro... (Tratávamo-nos até por tu embora eu tivesse 15 anos ou 16.)

GLORIA: Como é que ele se chamava?

JOSÉ: Carlos Quialheiro.

GLORIA: Quialheiro?

JOSÉ: Quialheiro. E ele disse “Eh, pá, tu não podes desistir!” Ele jogava futebol comigo. Eu sempre fui muito habilidoso no futebol, sempre tive... Eu jogava... Com idade de júnior eu jogava nos seniores. E “Tu tens..” “Eh, Carlos, eu não me sinto muito bem. Não quero. Não quero.” E acabei por desistir. E a minha sogra, claro, sabendo aquele passado todo, a mulherzita “Mas o que é que vai ser da minha filha?” Quando eu lhe aparecia à porta... Que ela até essa data nem sabia que eu queria nada, não é.

Comecei a jogar futebol oficial, em equipas oficiais... Tinha... Tinha... Estive no Leixões, no Leça Futebol Clube. Joguei no Ginásio. Joguei noutras equipas até... Quando a minha mulher engravida, ora eu tinha... Eu tinha 19 anos, ia fazer 20 e entrava para a tropa. O meu problema de ir para a tropa, não era, não era muito, muito grave se eu fosse eu sozinho, porque o Leixões davam-me dinheiro mensal. Não era profissional; era semiprofissional. Eu até tenho esse... Tenho um do Ginásio até, se a senhora viu, no Facebook, está lá uma coisa da Selecção Portuguesa de Futebol. É semiprofissional, no Ginásio, na altura deste... E eu tinha um dinheirito para mim, que daria, não é, na tropa. Mas eu tinha a mulher grávida, a namorada grávida, tinha que me ir casar, ia nascer um filho, ou filha não sabia se era filho ou filha. Felizmente que foi um filho, para mim. A minha mulher antes queria uma menina. Mas ainda hoje ela quer meninas, meninas, meninas... E eu tenho desgostozito de não ter um neto, mas paciência... Agora estou mentalizado. E o presidente do Ginásio era o senhor chamado José Manuel Sottomayor (Também muito meu amigo), que tinha dois barcos de bacalhau e a seca—a Sociedade de Pesca Oceano, na Figueira da Foz—é na Morraceira, a seguir à ponte, à ponte velha; era mesmo logo ali no fundo da ponte velha. E ele um dia vai assim para mim... (Eu estava num... Tinha um contrato para ir jogar oficialmente, para renovar com o Leixões... E o Giná... Naquela altura nós tínhamos, nós futebolistas, os clubes eram donos de nós; tinham a nossa carta, que a gente chamava carta de obrigação. Eles não queriam usar a de desobriga, como a gente dizia naquela altura. Ele disse “Não, tu não vais, tu não vais para Leixões.” “Senhor Presidente, Sr. José Manuel, o senhor olhe, a minha namorada esta grávida, eu vou ser pai, como é que eu me vou sustentar...? Eu só com a tropa eu não me vou safar.” “Tu não vais para a tropa.” “Não vou para a tropa? Então vou preso?” “Não. Tu não queres ir para o mar? Queres ir para o bacalhau?” Que naquela altura o bacalhau safava a tropa. Eram seis anos. Eu disse “Vou, mas eu não sou pescador.” E não era. E

nunca fui. Fui aqui, polivalente. E ele disse “Eh, pá, tu tens o curso quase industrial porque é que não tiras a carta de ajudante de motorista?” “Ah, também pode ser.” “Vá lá, começa a tratar disso e diz-me alguma coisa.” Eu fui para Leça. Falei com os meus pais. Contei aos meus pais o que é que se passava. Tinham lá os meus pais... Um tio meu, já falecido, tinha um senhor que era piloto de barra chamado... Reis. Reis, salvo erro. Facilitaram-me a papelada. Agora, eu não tinha tempo de oficina; que no tempo era preciso, para tirar a carta de ajudante, três anos de oficina e dois como oficial. Portanto, faziam cinco anos. Agora eu, que nunca trabalhei, onde é que eu ia buscar...? A não ser que fosse um documento falso, não é. Mas eu como também nunca fui... Fui muito bandido.—Fui bandido, bem, bandido não, não é a acepção verdadeira da palavra. Moinante, brincalhão—roubar umas galinhas aqui ou acolá... Não, fui, senhora, não tenho problema nenhum em dizer isso porque eu penso que todos nós... Foi até salutar: foi uma vida que me ensinou muita coisa.

GLORIA: Mas as galinhas eram para fazer patuscadas?

JOSÉ: Pois, pois, nunca para vender. Galinhas, coelhos, (Nunca para vender.) fruta, não é. Nunca para vender. E depois lembrei-me, de repente, mas eu tenho quase o quinto ano da escola industrial. Ora, são cinco, está incompleto, tem quatro e meio, suponhamos. Bem, vou tentar. Fui à Escola Industrial da Figueira da Foz. Vim lá, lá de Leça, vim de lá... Tirei as minhas habilitações. Fui à capitania e apresentei aquilo. O escrivão da capitania disse-me “Olhe, eu não sei se isto vai dar, mas se não der, talvez com um apertozinho a coisa passe.” Isto mesmo assim. Naquele tempo, tempo do fascismo, não é? Tempo do Salazar... E felizmente passou. Passou. Tirei carta de ajudante. Tirei carta de ajudante, vim cá dizer “Oh, Manel, já tenho a carta de ajudante.” “OK, já não vais para a seca.” Fui a mais. Fui um tripulante a mais na máquina. E pronto, comecei a minha vida bacalhoeira ali—a minha vida de máquinas ali. E depois passei para terceiro, e depois passei para segundo. Depois deixei o bacalhau, que era para vir para aqui, quatro anos antes da data em que eu vim, e houve um problema lá no consulado e eu não pude vir. O problema não foi meu, foi problemas da imigração Americana. E estive em terra a trabalhar na mesma empresa. Depois estive no arrasto, passei para primeiro... Estive de motorista prático até vir para os Estados Unidos. E foi assim. Mais ou menos. Vá-me lá perguntando alguma coisa porque às vezes eu passo-me.

GLORIA: Portanto começou a trabalhar, o seu primeiro emprego, propriamente foi...?

JOSÉ: Ajudante de motorista no navio de motor Sottomayor.

GLORIA: Sottomayor.

JOSÉ: Propriedade da Sociedade de Pesca Oceano, Figueira da Foz

GLORIA: E em que ano é que foi isso?

JOSÉ: Precisamente, está a fazer agora anos, em Outubro de 1967.

GLORIA: Conte-me como foi essa sua primeira viagem.

30:00 MINUTE MARK

JOSÉ: Olhe, foi ótima. Primeiro, uma coisa que eu sempre tive, nunca enjoiei. Vim para o bacalhau não soube o que era enjoo, e aqui, também, nunca soube o que era enjoar. Coincidência? É o organismo da pessoa, não é? Ah, não, minto. Estou a mentir. A primeira viagem que eu fiz, foi da Figueira para Lisboa. No barco, eu enjoiei. Eu recordo-me perfeitamente... Recordo perfeitamente que quando eu disse ao meu pai, ao meu falecido pai que Deus o tenha, “Eh, pai, enjoiei tanto!” Estava na casa da máquina... Mas era com o cheiro das tintas, sabe, o barco a gasóleo... O barco... A gente tinha o hábito de pintar as casas das máquinas todas. Depois a pintura, o motor, aquele cheiro da tinta... Aquilo era insuportável, praticamente, para quem não estava habituado. Sei que enjoiei. Eu... Disse o meu pai “Vocês não vão a Setúbal meter... meter sal?” Eu assim a conversar com o meu pai, assim, sentados na mesa, na casotazita dele. “Sim, vamos, pai, a gente vai no dia...” Não sei quê, agora já não me recordo. “Então, olha, vais fazer uma coisa. Tu gostas de beber...” (Que eu gostar; sempre gostei de beber. Eu gostava bastante. Eu não me importo de dizer—que eu estava em terra, embebedava-me quase todos os dias. Quando estava em terra. No mar não. Na minha profissão nunca. Nunca. Nem no bacalhau, nem em lado nenhum. Agora quando estava em terra, gostava de beber os meus copos.) “E vais fazer uma coisa. Quando fores, vais para o barco, não te embebedes. Quando começares a navegar, fazes os possíveis para teres a tua cabeça, não bêbado, mas quase.” Olhe, eu não sei se enjoiei bêbado ou se não enjoiei bêbado. Se era a bebedeira, se não era. Uma coisa é certa, a partir desse dia nunca mais enjoiei; parece que foi remédio santo. Ou foi a minha cabeça... Não sei, pronto. Felizmente, nunca mais enjoiei. E pronto. E o resto, depois andei seis meses com aquela... Diga, diga.

GLORIA: Desculpe interrompê-lo. Portanto embarcou na, na Figueira ?

JOSÉ: Sim.

GLORIA: Quais eram os preparativos que tinham que fazer para embarcar?

JOSÉ: Olhe, os meus, sabe que o preparativo de um motorista, ou de um ajudante de motorista, é um bocadinho diferente do preparativo do pescador próprio. Naquela altura era barco à linha, daqueles pescadores individuais em botes, não é. Eu, o meu preparativo, olhe, foi a mulher fazer-me uns fatos-macacos, preparar-me a roupa para a cama—os lençóis, os cobertores, uma roupa normal para quando chegasse a terra, aqui a St. John's, passear um bocadinho e pronto. E foi esse o preparativo.

GLORIA: Vocês não podiam lavar a roupa a bordo?

JOSÉ: Não naquela altura. Mais tarde, mais tarde. Porque eu passei o 25 de Abril... Foi... O segundo barco a fazer greve em Saint John's, Canadá, foi o barco onde eu andava. Mais tarde sim, tivemos máquinas de lavar. E então lavava-se a roupa. Infelizmente não para toda a gente. Mais para a classe... Mesmo depois do 25 de Abril, mais para a classe que a gente chamava da ré—capitão, imediato, piloto, enfermeiro, primeiro, segundo, terceiro, motoristas, tínhamos máquinas de lavar. A malta da proa, também por preguiça deles que... Não é que... Eu tenho um respeito enormíssimo... Eu

tenho um respeito que... Eu já lhe conto uma história, se não for hoje, outro dia. Eu tenho um respeito enormíssimo por quem é pescador. E principalmente porque eu vi aqueles dois anos de pesca à linha, eu fiquei... Se eu já tinha respeito pela profissão do meu pai, e por outros pescadores à linha da minha terra (e não só) eu quando vi aquelas duas primeiras viagens (E únicas que eu fiz à linha.) eu apanhei um respeito dez vezes maior. O pescador para mim... O pescador de linha de bacalhau para mim é... É o máximo que eu posso ver. O máximo. Estou a extraviar-me um bocadinho da história, mas pronto. Eu vivi feliz, fiz aquela viagem sempre com a mira... Foram nove dias. Nós fomos direitos à Gronelândia. No dia que eu chego à Gronelândia recebo um telegrama a dizer que tinha nascido o meu filho. Agora a senhora veja a minha ânsia, não é.

GLORIA: Imagino.

JOSÉ: Um moço novo, (Eu não me importo de dizer, nada.) de esquerda, que vinha da escola, que não podia ver o Salazar nem Tenreiros, nem aquela gente, OK. Vou, para não ir para o Ultramar. É que eu vou para o bacalhau porque tenho necessidade de ganhar dinheiro para o filho e para a mulher. O meu filho nasce. Eu começo a contar os dias. Ainda me falta 180 e não sei quantos dias para chegar à Figueira para ver o meu filho. Mas felizmente supor-tei com o apoio também dos meus colegas, um deles chamado José Belmiro, que infelizmente morreu na África do Sul. E o valor que eu dou ao pescador é tanto que... Eu vou contar, vou resumir uma pequenina história. Eu sabia, pelas minhas contas, que o barco tinha água potável para dois meses mais ou menos. E o capitão resolveu racionar a água. A culpa disso não seria do Salazar nem do Tenreiro, mas em parte, talvez tivessem culpa. Mas os capitães abusavam mais daquilo, da força que também tinham. Tinha um rapaz amigo, vivo ainda felizmente, chamado Quim Camacho. Que um dia chega-me... A minha guarda era da meia-noite às quatro da manhã. O barco estava ancorado porque estava tudo a descansar para irem à azáfama outra vez nos botes quando era dia. (Na Gronelândia era sempre de dia, mas descansavam três, quatro horitas. Descansava-se até ao lusco fusco, até às... Aquilo era sempre dia! Eu cheguei a ver o pôr-do-sol à meia-noite, que é um espectáculo maravilhoso—um inferno! Era um autêntico... Eu não conheço o inferno, mas aquilo era, senhora!... Eu tenho pena de não ter essas fotografias; ficaram algumas extraviadas em Portugal. O vermelho—o mar vermelho, o sol vermelho!... Entrava-me aquele vermelho pela vigia dentro, pela janela do barco dentro... Um espectáculo! Um espectáculo inesquecível. E tenho pena de pessoas que não o podem ver. A senhora se visse ficava... Ficava maluca. Oh, yeah!) Ele chega-se um dia ao pé de mim e diz-me “É Zé, olha, meu, pá, faz-me um favor.” “É, pá, o que é que queres, Quim?” “É pá, eu precisava de um bocadinho de água. Eu já não tenho água. Eu tenho lá um garrafão vazio—eu trago-te o garrafão e tu enches-mo de água.” Porque eu tinha água; na casa da máquina nós tínhamos água que a gente queria.” Disse “É, pá, tu não me metas em problemas. Olha que isso é um problema grande.” Mas o espírito anti... Anti-regime. Eu saber que aquilo estava errado... Eu saber que a gente tinha água. Disse “É, pá, vai lá buscar o garrafão.” Ele trouxe o garrafão. (O capitão era muito meu amigo, era “ginasista.” O capitão Abreu da Silva.) Disse “Traz lá.” E ele trouxe. Passado dois dias já não era um garrafão, eram dois garrafões. Passado mais três ou quatro dias, já não eram três garrafões, já era ele e outros. Eu disse “É, pá, eu vou parar, que vou ser descoberto.” Eu já estava descoberto e não sabia; eu já estava descoberto desde o segundo garrafão, só que o capitão, como era meu amigo deixou-me

andar para ver até onde eu ia, porque ele sabia, ele conhecia o meu espírito bem. Ele era de esquerda também. Nós fazíamos propaganda subversiva no Ginásio Clube Figueirense, na sede do Ginásio. Cheguei a saltar por janelas a fugir daqueles bufos da PIDE, daquela gente toda. E ele disse assim “É pá...” (Chamou-me à oficina.) “...não posso, não posso... O imediato,” (Que era um rapaz de Lisboa que eu mal conheço.) “já sabe da história; participou de ti. Quer participar de ti ao Gil Eanes.” (Que era o comandante, o comande do coisa....) “Já não te vais safar desta. Mas eu vou tentar fazer...” E o homenzinho lá fez o que tinha a fazer. Eu só sei que não fui para o Gil Eanes, nesse dia. Quando chegamos a St. John's, aqui em Newfoundland, fui eu falar com o comandante do Gil Eanes. Grande senhor, o capitão Mário Esteves, comandante (Que Deus o tenha, que Deus o conserve se ele ainda é vivo!), um senhor excepcional que mais tarde eu descobri que ele também era de esquerda. Aliás eu descobri na mesma altura que ele falou comigo—ao fim do terceiro dia. E depois mais tarde tive o prazer de o acompanhar, de beber uns *drinks* com ele, tanto em St. John's como mesmo em Portugal, em Lisboa, que eu sempre fui activo, sempre fui...

GLORIA: Expansivo?

JOSÉ: Expansivo. Uma palavra que ficou no fundo do meu coração, foi quando esse grande comandante chamado Mário Esteves vai assim para mim, “Olha, Zé Lima, eu sei que o teu filho nasceu agora no dia sete de Maio, ainda só tem um mês e pouco de vida e tu queres ver o teu filho quando chegares a Portugal, não queres?” “Ó senhor comandante, então não quero?” “Então não fazes mais isto. Eu compreendo a tua posição.” Ele quando me disse “Eu compreendo a tua posição.” eu disse assim, “Estou em casa.” A minha cabeça raciocinou “Eu estou em casa. Este indivíduo só pode ser, embora seja um comandante da capitania, seja um comandante do regime, este gajo só pode ser contra o regime.” Foi a minha perspicácia e não me enganei. E não me enganei. No final desse ano... Estive três dias prezo, lá no Gil Eanes, estive três dias.

GLORIA: Portanto o Gil Eanes servia de hospital mas também servia de prisão...?

JOSÉ: Cadeia. Servia de tudo. Era a capitania ambulante. Servia de tudo. Servia de tudo. Abastecia gasóleo, abastecia víveres, comida, não é. Depois quando acabei essa viagem, em Portugal, no restaurante da Sociedade de Pesca Oceano, chamado Covil do Caçador... (Eu era um menino querido daquela empresa; sempre fui. Eles até diziam, “É pá, os teus padrinhos e aquilo tudo... Graças a Deus) Pertencia ao sindicato (Mais tarde, depois do 25 de Abril, eu era delegado do sindicato dos motoristas na Figueira da Foz e era, ao mesmo tempo, representante da Sociedade de Pesca Oceano, fosse onde fosse. Já pode ver a consideração que o senhor chamado Carlos Antranidade Cação tinha por mim, não é. E mesmo o próprio sindicato; eles sabiam que eu não fazia jogo duplo. Eles sabiam que eu olhava para o empregado e olhava para o patronato, mas não fazia jogo duplo. A senhora não me dava 20 e eu ia matar aquele... Está compreendendo? Então eu tive o prazer de encontrar lá o Comandante Mário Esteves, no Covil do Caçador...

GLORIA: Na Figueira?

JOSÉ: Na Figueira da Foz. Já depois do 25 de Abril. Aí eu disse-lhe “Ó Senhor Comandante, o senhor lembra-se dessa história?” “Lembro! Eu conheci-te logo. Eu também sou.” “Ah, eu sei, Sr. Comandante. Sabe, quando disse aquela frase assim, assim e assim?” “Eu já disse para tu perceberes, porque vinhas da escola. Eu já tinha feito a tua...” Já tinha sabido... Já tinha sondado antes de me dar... Nem me sujou a cédula nem nada. “Eu já sabia quem tu eras. Não é muito fácil apanhar um ajudante motorista que venha com o quarto ano da escola industrial.” Era raro naquela altura, está a perceber? Portanto, ele foi-me *checar*.⁷ “A partir daí eu soube quem tu eras e então fiz o que fiz.” A partir daí, olhe, ficámos conhecidos, pronto e...

GLORIA: São 11 horas, o senhor quer...?

JOSÉ: Mais um bocadinho só. Mais cinco minutos.

GLORIA: Disse que recebeu um telegrama a avisá-lo do nascimento do seu filho, onde é que foi recebido esse telegrama?

JOSÉ: Nós não tínhamos telegrafista, mas havia barcos que tinham telegrafista incorporado, que trabalhavam com o código Morse, não é? E havia um código de telegramas, que eram baratos, relativamente baratos. O número dois, era a dizer, “Nasceu um menino. Está tudo bem. Acabou.”, por exemplo. Não sei se o número era esse, não sei se seria, não me lembro agora, não me lembro.

GLORIA: Compreendo.

JOSÉ: O número quatro era a dizer “Faleceu um ente parente—faleceu o teu filho, faleceu a tua mãe, faleceu o teu pai. Se fosse pai era um número, se fosse mãe era outro, se fosse o filho era outro. Se fosse uma menina a nascer era outro. Não gastava muito tempo. O Morse não era muito difícil porque eles recebiam aquilo, era o número tal e era só ir ao código, à lista de códigos. O telegrafista recebia, telefonava para o capitão por via rádio, telefonava para o capitão do meu barco e dizia “Olha, ó Abreu, está um telegrama para o Zé Lima que é o numero tal.” Então ia ali, ele mesmo passava a ler, passava numa folha, e vinha entregar.—O criado ou coisa vinha entregar ao capitão.

GLORIA: Portanto o telegrama foi recebido por outro barco. Era um barco Português?

JOSÉ: Era. Era o São Gabriel, salvo erro. Não quero mentir muito. Penso que era o São Gabriel.

GLORIA: E depois, então, esse barco...

JOSÉ: Via telefone...

GLORIA: Via telefone...

JOSÉ: Telefonavam para o barco onde estavam vários...

⁷ Termo usado por luso americanos para dizer “investigar” ou “verificar”. Do inglês *check*.

GLORIA: Portanto essas comunicações via rádio eram só a curtas distâncias ou...?

JOSÉ: Não, longas distâncias. Longas distâncias. Eram rádios de onda curta, não é. Falávamos directamente com Lisboa até, se fosse preciso.

GLORIA: Portanto nessa altura já era...

JOSÉ: Falavam, quer dizer; eu não falava.

GLORIA: Pois, mas já havia comunicação.

JOSÉ: Oh, sim, sim! Quando eu comecei a trabalhar já. Já tínhamos aparelhos de posicionamento marítimo, bons radares... Tínhamos boas condições. Quem não tinha boas condições era o homem da frente, o homem da pesca, esses é que não tinham, infelizmente.

GLORIA: Continuavam a usar o...

JOSÉ: Não, depois do 25 de Abril a coisa foi OK, mas até lá não. Era... Embora com todas essas coisas, comunicações... Eles ainda tinham, coitados... Eram mal tratados.

GLORIA: Voltando ao que eu lhe tinha perguntado, quais eram os preparativos para irem para o mar...?

JOSÉ: A roupa, essencialmente...

GLORIA: Vocês iam por quantos meses?

JOSÉ: Seis meses.

GLORIA: Seis meses. Portanto tinham que levar a roupa, tinham que levar comida...?

JOSÉ: Não, não, não. O barco levava a comida. Nós, essencialmente a roupa; essencialmente a roupa. A roupa. Nem cigarros, nem bebida. A malta da proa, o chamado pescador, gostava de beber mais o seu copinho de vinho. Levavam uns barrizinhos de vinho, de 20-50 litros ou coisa assim. Nós na ré, a minha profissão, chamavam profissão privilegiada. Havia até uma rivalidade enorme entre proa e ré, pescador e máquina. Era essencialmente a roupa... A mulher às vezes fazia uns rojões e punha naquelas latas de banha, para festejar. Olha, abriu-se no nascimento do meu filho. E pronto. O resto nós tirávamos ao navio. Comprávamos ao navio—whiskies ou brandies—relativamente barato naquela altura.

GLORIA: E o próprio barco tinha que levar certo... Levar víveres, não era? Onde é que se abasteciam?

JOSÉ: Normalmente em Lisboa, no Ginjal. No Ginjal, na Cooperativa dos Armadores de Pesca de Bacalhau.

GLORIA: E levavam também...? Disse que iam a Setúbal meter sal...

JOSÉ: Sal para salgar o peixe. A Setúbal, a Espanha. Eu nunca fui a Espanha, só foi a Setúbal. Na Figueira da Foz também metia. Havia... Sabe que na Figueira tinha muito sal, não é? Assim como Aveiro. Mas as barras não eram muito profundas. Então arriscava-se menos. Aveiro a coisa já estava mais ou menos...

GLORIA: E levavam...? Era preciso mais alguma coisa? Portanto, água podiam meter na Figueira...

J: Levávamos tudo. Levava-se às meias vacas.

GLORIA: Ah, sim?

JOSÉ: Sim.

GLORIA: Congeladas ou...? Já tinham nessa altura...?

JOSÉ: Sim, congeladas. Tínhamos câmaras frigoríficas. Sabe que a pesca da linha, no tempo do meu pai, quando o meu pai começou até havia carabinazitas a bordo, de carregar pela boca, para matarem as gaivotas para aproveitar a isca para o bacalhau. No tempo que eu fui, não; já havia câmaras frigoríficas. Eram blocos de lula e blocos de cavala *frizada*⁸--congelada—e era a isca para os pescadores trabalharem. Levávamos barricas de feijão, barricas de farinha para fazer o pão... Gostava que a senhora provasse aquele pão daquela época! A senhora deliciava-se! Deliciava-se!

GLORIA: Porque é que era um pão tão bom? Já várias pessoas me disseram...

JOSÉ: Não sei, senhora! Nunca vi. Sabor nunca vi igual!

GLORIA: Será que era da farinha?

JOSÉ: Talvez. A farinha era isto [APONTA PARA FOLHA DE PAPEL]; alva, branca!

GLORIA: Diziam que era farinha americana, não é?

JOSÉ: Eu penso que não, senhora. Isso deve ser... Penso. Porque eu não sei... Eu não tenho a certeza daquilo que vou dizer, não é. Porque farinha americana o porquê de nós a comprarmos lá? Porque nos chegávamos aqui a St. John's, Canadá, metíamos muitos víveres.

GLORIA: Ah, sim?

JOSÉ: Bastantes mesmo, bastantes. Também sabe que os capitães e os primeiros motoristas e os cozinheiros tinham uma certa percentagem que os fornecedores davam. Então por vezes não era preciso 50 barricas, era preciso só 10, mas vinham as 50, nem que fosse para as estragar porque davam mais dinheiro ao capitão.

GLORIA: Ao capitão davam uma percentagem?

⁸ Termo usado por luso americanos para dizer “congelado”. Do inglês *freeze*.

JOSÉ: Os vendedores, fornecedores. E o motorista recebia do fuel, do gasóleo. E o cozinheiro também levava uma pequenina percentagem mais..., mas também levava.

GLORIA: Em St. John's o que é que metiam então?

JOSÉ: Tudo o que fosse necessário, tudo o que o barco necessitasse.

GLORIA: Água

JOSÉ: Água, gasóleo, comida... Tudo.

GLORIA: Comida...?

JOSÉ: Todos os víveres necessários; que fossem necessários naquela altura. No tempo da rede de emalhar... (Depois passámos para a rede de emalhar que foi outra modalidade que eu poderei contar mais tarde. Eu andei no mesmo barco também com redes de emalhar. E depois mudou de nome até—de Sottomayor para Zé Cação. Sottomayor era o fundador da empresa depois o Zé Cação foi os Cações que ficaram com a empresa.) E aí metíamos também redes e outros artigos de pesca necessários para não virem, para não virmos, todos carregados de Portugal e poupar os tais dez por cento. Que faziam muito jeito ao capitão; que era muito dinheiro.

JOSE: Pronto, senhora.

GLORIA: Ficamos por aqui?

JOSE: Ficamos por aqui, por enquanto. Não se esqueça onde é que a gente vai, que eu sou muito falador mas eu esqueço-me.

[FORAM FEITAS VÁRIAS TENTATIVAS PARA CONTINUAR A ENTREVISTA, MAS, ATÉ À DATA, O SR. LIMA NÃO ASSENTIU]